Università degli Studi di Padova

Dipartimento di Studi Linguistici e Letterari

Corso di Laurea Triennale Interclasse in
Lingue, Letterature e Mediazione Culturale (LTLLM)
Classe LT-12

Tesina di Laurea

Identità, Morte, Solitudine tra realtà e finzione, attraverso Fernando Pessoa e Antonio Tabucchi

Relatrice
Prof.ssa Barbara Gori

Laureanda
Sara Ortoleva
n° matr.2084343 / LTLLM

Anno Accademico 2024 / 2025

Ai rischi, ai dubbi, ai cambiamenti, al mio futuro.

A mio fratello Samuele, luce del mio cammino.

Alla mia famiglia, pilastri della mia vita.

Al Portogallo, colore, vita, sole, saudade.

INDICE

INTRODUZIONE 7

CAPITOLO 1: Morte e Maschere 11

1.1 Tabucchi e Pessoa: un legame tra letteratura, identità e modernità 11

1.2 La Morte come Atto Teatrale e Metamorfosi..... 13

1.3 La Poesia della Morte e la Vita come Viaggio..... 16

CAPITOLO 2: Scrittura e Identità..... 21

2.1. Vita e Formazione di Fernando Pessoa..... 21

2.2. L'eteronimia: genesi. significato e protagonisti 22

2.3. Antonio Tabucchi e l'eredità di Pessoa 31

CAPITOLO 3: La Solitudine 35

3.1 La solitudine creativa..... 35

3.2. L'identità molteplice: tra psiche e letteratura..... 38

3.3 Maestri, padri e la maturità come riconciliazione 41

CONCLUSIONE 44

BIBLIOGRAFIA……49

INTRODUZIONE

> Se após a minha morte quiserem escrever a minha biografia, nada mais simples. Há duas datas, a da minha nascença e a da minha morte. Todos os dias entre uma e outra são meus.[1]

Fernando Pessoa, Lisboa 1888-1935, é considerado um dos maiores poetas do século XX. A sua casa, em Campo de Ourique, um bairro central de Lisboa, onde o poeta português passou os seus últimos anos, é hoje uma Casa da Cultura que leva o seu nome; nela ele é lembrado, celebrado e preservado. A vida quotidiana de Pessoa sempre se regiu pelos ritmos desta cidade atlântica e cheia de luz. O poeta passeava pelas ruas de Lisboa em total anonimato, percorria o emaranhado de ruelas da Baixa Pombalina para ir trabalhar ou refugiar-se nos cafés mais conhecidos, onde aconteciam os encontros literários. Fernando António Nogueira Pessoa nasceu em Lisboa a 13 de junho de 1888. Poeta, escritor e aforista, é considerado, pelo valor das suas obras, ao nível do poeta do século XVI Luís Vaz de Camões. É do crítico literário e anglista norte-americano Harold Bloom a definição de Pessoa como o poeta mais representativo do século XX, ao lado de Pablo Neruda.

Fernando Pessoa perdeu o pai muito jovem, a mãe voltou a casar e o companheiro da mãe foi enviado para uma colónia inglesa na África do Sul como cônsul português. Pessoa mudou-se para Durban com apenas 6 anos e, portanto, a sua primeira abordagem à escola foi em inglês, que se tornou a sua língua, tanto que Pessoa não só trabalhava como tradutor, mas também escrevia o seu diário em inglês. Além disso, a sua última frase antes de morrer foi proferida em inglês: «I know not what tomorrow will bring»[2] (Não sei o que o amanhã trará). Segundo alguns críticos, é do bilinguismo que brota a heteronímia, porque, como veremos, a sua vida foi sempre como uma subtrama aparentemente discreta, enquanto os seus heterónimos, personagens literárias fictícias, dotadas de biografias, personalidades e estilos de escrita distintos, criadas pelo poeta português, produziram obras significativas.

Pessoa e Antonio Tabucchi nunca se conheceram, pois o escritor pisano nasceu em 1943, mas é evidente que estão ligados por um fio condutor que é a literatura

---

[1] CARLI Alessandro, «Fernando Pessoa non riuscì mai a essere davvero sicuro di chi fosse… Elogio del poeta imprendibile» *Pangea*, 7 giugno 2020, p. 1.

[2] Ivi, p.2.

portuguesa e a cidade de Lisboa, e por esta busca contínua pela compreensão da realidade e da identidade. Tabucchi dedicou grande parte da sua vida e da sua obra a dar a conhecer e valorizar o poeta português, também com a ajuda da sua esposa Maria José de Lancastre, que conheceu em Portugal e com quem teve dois filhos. Juntos, apaixonaram-se e traduziram as obras de Pessoa.

No centro da pesquisa narrativa de Tabucchi está precisamente a exploração do eu como outro de si mesmo, uma operação nada indolor, uma verdadeira viagem interior atormentada e uma nostalgia de si mesmo que se traduz numa busca sem fim. Em contos magistrais. Talvez o autor pisano queira agarrar algo que outrora lhe escapou e, de alguma forma, esteja à procura de si mesmo.

Nesta tese, analisaremos a morte, a identidade e a solidão do ponto de vista de dois autores, Fernando Pessoa e Antonio Tabucchi, tão diferentes entre si, mas ao mesmo tempo tão semelhantes nas suas facetas e, acima de tudo, tão ligados pelo amor a Portugal e a Lisboa.

Escolhi este tema depois de passar seis meses da minha vida no Porto-gallo de Pessoa, mais precisamente em Coimbra, no programa Erasmus, na universidade mais antiga da Europa, fundada em 1290 em Lisboa. Ao viver algum tempo lá, percebe-se que em Portugal a vida corre devagar e suavemente, como na Sicília, talvez seja por isso que me senti tão em casa, porque pude viver os dias com uma leveza que não conseguia encontrar há alguns anos.

Lá, em Portugal, embora eu acredite que principalmente em Lisboa, respira-se a saudade de que sempre ouvi falar nas aulas de literatura; esse sentimento que desde o primeiro momento sempre me fascinou, um sentimento de nostalgia, de melancolia, de gosto romântico pela solidão, acompanhado por um intenso desejo por algo ausente. Fernando Pessoa explorou essa melancolia nas suas obras, analisando essa emoção que pode estar ligada ao passado ou ao futuro, expressando um desejo por alguém ou algo que está ausente, que falta, ou que nunca existiu, mas sempre com um forte sentimento de esperança.

Nos próximos capítulos, analisaremos mais detalhadamente alguns dos temas mais complexos e frequentes nas obras de Tabucchi e Pessoa: a relação com a vida e, sobretudo, com a morte. Ao ler as obras dos dois autores, percebi como eles conseguem transformar a solidão existencial em literatura; Pessoa, com os seus heterónimos, e

Tabucchi, com o seu interesse pela memória e pela recordação, constroem narrativas que nos levam a questionar quem realmente somos.

Ao longo da tese, perceberemos como a morte, para ambos os autores, não é apenas um fim biológico, mas também um desmoronamento do ser. Através das suas obras, veremos como a morte é abordada como uma mudança inevitável, porque considerada a continuação natural da nossa vida. A identidade, por outro lado, é vista como um elemento fluido, mas instável e, por isso mesmo, torna-se um excelente tema para analisar, sobretudo no que diz respeito à criação dos heterónimos de Pessoa. Por fim, a solidão, que muitas vezes atravessava ambos os autores, surge não só como espaço existencial, mas também como introspeção de si mesmos; observamos como também os protagonistas dos livros de Tabucchi e Pessoa se confrontam com as suas máscaras e se relacionam com as suas verdades ocultas.

O objetivo desta tese não é apenas destacar os dois autores e as suas semelhanças e diferenças, mas também mostrar como a literatura pode tornar-se um meio de evasão da realidade e, acima de tudo, de enfrentar grandes questões existenciais.

Antonio Tabucchi e Fernando Pessoa farão da ideia da morte, da sua identidade multifacetada e da sua própria solidão a história da literatura portuguesa e italiana do século XX e serão os iniciadores de pesquisas que escavam no fundo da alma humana.

CAPITOLO 1:

Morte e Maschere

1.1 Tabucchi e Pessoa: un legame tra letteratura, identità e modernità

> "Ma non si può parlare di Fernando Pessoa senza ricordare Antonio Tabucchi (1943-2012), che è stato docente di lingua e letteratura portoghese all'Università di Bologna, direttore dell'Istituto Italiano di Cultura a Lisbona e scrittore di successo. Egli ha il merito di aver fatto conoscere Pessoa anche in Italia contribuendo, non poco, a svelare quei giorni che Pessoa voleva solo suoi. Tabucchi è oggi considerato tra i suoi maggiori esperti, critici e traduttori perché ne subì il fascino da subito, appena ebbe tra le mani il poema in versi *Tabacaria*. Lo trovò a Parigi, su una bancarella vicino alla Gare de Lyon, in versione francese e a firma di Álvaro de Campos, uno degli eteronimi di Pessoa. Da quel momento Tabucchi volse i passi e la mente verso il Portogallo e il suo contesto letterario".[3]

I due furono legati a distanza, condivisero idee e aneliti. Tabucchi nel suo *libro Gli ultimi giorni di Fernando Pessoa* ci mostra gli ultimi giorni del poeta. Scrivo, non a caso, vedere, perché, seppure Tabucchi immagina quali possano essere stati gli ultimi giorni della vita del poeta, morto a 47 anni, con ogni probabilità per una cirrosi epatica, il lettore è lì seduto, accanto al letto di Pessoa mentre sfilano ad uno ad uno i suoi eteronimi. Alberto Caeiro da Silva, poeta contadino, considerato il maestro degli eteronimi, con uno stile semplice e diretto, vicino alla natura; l'ingegnere navale Álvaro de Campos, artista dandy del tempo e grande viaggiatore, anche mentale; le sue opere riflettono le sue esperienze di viaggio e di vita nelle grandi città con uno stile modernista e sperimentale; Ricardo Reis appare nel libro di ritorno dal suo Brasile immaginario; è un medico che simpatizza per la monarchia, latinista e grecista che scrive con uno stile classico e ispirato all'antichità; Bernardo Soares, impiegato come lo stesso Pessoa, autore de *Il libro dell'inquietudine*, un'opera in prosa che riflette la malinconia e l'inquietudine del poeta. Fernando Pessoa considera Soares come un semi-eteronimo perché, pur avendo una sua propria identità e personalità distinta da quella dell'autore portoghese, non è completamente separata da essa, ma piuttosto una sua mutilazione. Ed infine il filosofo, Antonio Mora, il quale fu recluso in una clinica psichiatrica, colui che vuole provare che il paganesimo è la verità, che bisogna tornare all'epoca dei Greci e che il cristianesimo è menzogna.

---

[3] QUERINI, Maria Vittoria, «Pessoa, una vita plurale», Rivista Online *Parchi Letterari*, II (2021), pp. 1-2.

> "Io vedo dinnanzi a me, nello spazio incolore ma reale del sogno, i volti, i gesti di Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Ho dato a ciascuno un'età e una biografia. […] Come scrivo in nome di questi tre?… Caeiro per pura e inattesa ispirazione, senza sapere né prevedere cosa mi sarei messo a scrivere. Ricardo Reis, dopo un'astratta deliberazione, che immantinente si concretizza in un ode. De Campos, quando sento un improvviso impulso di scrivere e non so cosa sia. Il mio semi-eteronimo Bernardo Soares, […] appare ogni volta che mi sento stanco o insonnolito […] la sua prosa è un continuo vaneggiamento. È un semi-eteronimo, perché, sebbene la sua personalità non sia la mia, non è differente dalla mia, ma ne è una semplice mutilazione. Sono io senza il raziocinio e l'affettività"[4]

Scrive Pessoa, nel 1935, nella lettera indirizzata al poeta e scrittore portoghese Adolfo Casais Monteiro, intellettuale e amico di Pessoa, sottolineando come e quando ciascuno dei suoi eteronimi prende vita e ammettendo la frammentazione della sua identità di autore, la diversità dei suoi eteronimi e l'originalità assoluta della sua scrittura.

> Se guardiamo Pessoa con gli occhi di oggi, il che non ci viene difficile, egli incarna perfettamente il nostro tempo. Un tempo che oscilla tra la fiction e il virtuale, dove la realtà viene mangiata dal reality, dove i nickname e l'io, che è fragile e mutevole nel regno del web, sembrano davvero esser stati pensati già da Pessoa. Naturalmente preferiamo l'originale, e forse, non solo per un gusto artistico. E forse la differenza tra l'originale e queste copie inconsapevoli è che lui aveva una personalità inquieta, anzi, aveva tante personalità inquiete. Queste copie sembrano non averne nemmeno una, invece. Si rifugiano in maschere e schermi di passaggio. La letteratura e l'arte sono la confessione che la vita non basta, per Pessoa. Le pagine devono essere scritte e abitate, perché sono un altro nostro regno sicuro. Egli chiese gli occhiali e con gli occhiali, come mentre scriveva, si addormentò, cullato dai suoi personaggi immaginari con altri nomi.[5]

Scrive Maria Francesca Perna in un giornale di cultura online, focalizzando l'attenzione sulla modernità intrinseca di Pessoa perché, come vediamo, i suoi eteronimi, e quindi le sue maschere, le sue personalità più nascoste, possono essere paragonate al mondo dei social, in cui c'è una realtà distopica e non ci si rende più conto di cosa sia reale e di cosa sia stato creato per essere mostrato e dimostrato ai propri followers.

Quindi, Pessoa, più che un uomo del nostro tempo è un anticipatore; egli non indossava maschere per nascondersi, ma per scavare più a fondo nella verità dell'esistenza. Oggi, invece, spesso si usano maschere per evitare proprio quel confronto.

---

[4] PESSOA, Fernando, *«Lettera a Adolfo Casais Monteiro, 13 gennaio 1935»*, Biblioteca digitale *Arquivo Pessoa*, pp. 2.

[5] PERNA Maria Francesca, «*Pessoa: anticipare la follia del web e non voler essere nessuno»*, Rivista Online *Ultima Voce.* Ottobre 2022, pp. 3.

1.2 La Morte come Atto Teatrale e Metamorfosi

Nel libro di Tabucchi *Gli ultimi giorni di Fernando Pessoa* siamo lì, seduti accanto al poeta, per ascoltare il commiato dei suoi personaggi all'uomo che ha dato loro la vita.

Osserviamo un Pessoa nel Novembre 1935 che si trova nel suo letto di morte in ospedale. Tre giorni di agonia durante i quali, come in delirio, il grande poeta portoghese riceve i suoi eteronimi, parla con loro, detta le sue ultime volontà, dialoga con i fantasmi che l'hanno accompagnato per tutta la vita. Un racconto, romanzesco e insieme biografico (anche se si tratta di una biografia immaginaria) nel quale Antonio Tabucchi con tenerezza e passione descrive la morte di uno dei più grandi scrittori del Novecento. È dunque la morte la protagonista dell'opera di Tabucchi, la morte di Fernando Pessoa. Una morte immaginata, una morte alla quale assistiamo insieme agli eteronimi, mentre il poeta è ricoverato all'ospedale di São Luís dos Franceses,. L'evento intimo e drammatico diventa quasi corale e rivela la storia e la vita di Pessoa che si fa accompagnare, nell'ultimo viaggio, da chi è sempre stato accanto a lui. Tabucchi non racconta solo la morte fisica, ma scava, esplora, affonda nella dimensione interiore di Pessoa, indaga sul suo rapporto con la morte, la sua identità così spezzettata e il dialogo con le sue creazioni letterarie. La morte, dunque, è descritta come una rivelazione, come un atto teatrale al quale partecipano i suoi amici eteronimi che svelano le tante personalità di Pessoa, a confronto l'uno con l'altro ma che sembrano svanire nell'atto finale.

Tabucchi, in quest'opera, esplora la complessità dell'identità del poeta portoghese e il suo rapporto con la creazione e la fine della vita. Quando ad entrare nella stanza di ospedale è Bernardo Soares, Pessoa gli racconta dei suoi giorni passati alla clinica psichiatrica in cui conobbe António Mora e di come grazie a lui, in un momento in cui l'autore desiderava solo morire, ha iniziato ad avere fiducia nella natura. Mora, secondo Pessoa, è un pazzo lucido che ha ragionato molto sul paganesimo e sul cristianesimo. Egli confessò a Pessoa che gli dèi torneranno presto perché, secondo lui, la teoria che l'anima sia unica e il dio sia uno e solo è una cosa passeggera che sta per finire nei brevi cicli della storia. E, secondo Mora, quando gli dèi torneranno le persone perderanno l'unicità dell'anima ed essa potrà finalmente essere plurale, come vuole la natura.

Questo spiega un po' la concezione della morte per Mora che Pessoa cerca in qualche modo di comprendere. L'incontro con Mora diventa una sorta di svolta filosofica

e spirituale che nel libro viene raccontata a Soares sotto forma di nichilismo: non è tanto la religione in sé a salvarlo, quanto l'idea di un'anima che non è più chiusa nell'unità, ma aperta alla pluralità.

Ne *Gli Ultimi Giorni di Fernando Pessoa* appare ad un certo punto António Mora in carne ed ossa che, con una barba bianca ed una tunica romana entra nella stanza e afferma:

> Fleba il fenicio, morto da quindici giorni, dimenticò il grido dei gabbiani e il flutto profondo del mare per dirmi della tua sorte, o grande Fernando. So che ti attendono le acque dell'Acheronte, e poi il vortice furibondo deli atomi nei quali tutto si disperde e tutto si ricrea, e tu forse ritornerai nei giardini di Lisbona in quanto fiore che fiorisce in aprile o forse come pioggia sui laghi e sulle lagune del Portogallo e io, passeggiando, ascolterò la tua voce percorsa dal vento.[6]

La parte iniziale del testo si riferisce a Fleba, un marinaio fenicio affogato, che compare nel poemetto *La Terra Desolata* di T. S. Eliot del 1922. Fleba è il simbolo della morte e del destino umano. Egli diventa un tramite tra il mondo dei morti e quello dei vivi e la sua dimenticanza del mare e dei gabbiani indica il passaggio dalla vita sensoriale al silenzio della morte.

L'Acheronte, uno dei fiumi degli inferi nella mitologia greca, rappresenta il passaggio nell'aldilà. Pessoa, come tutti gli esseri umani, deve attraversare questa soglia. È un'immagine classica, ma qui usata con un tono intimo e personale.

Il testo è una meditazione poetica sulla morte, la memoria e la trasformazione, in cui Pessoa viene celebrato non solo come uomo, ma come parte della natura, del tempo e della poesia. Tabucchi suggerisce che la morte non è l'oblio, ma un cambiamento; e che la voce dei poeti, come quella del vento, continua a parlare anche dopo la fine della vita.

> Anch'io ho dimenticato la morte, disse António Mora, perché ho letto il paterno Lucrezio che insegna il ritorno della vita nell'Ordine della Natura, e ho capito che tutti gli atomi che ci compongono, queste particelle infinitesimali che sono il nostro corpo di ora, dopo torneranno nel ciclo eterno e saranno acqua, terra, fertili fiori, piante, la luce che dà la vista, la pioggia che ci bagna, il vento che ci scuote, la neve candida che ci avvolge col suo manto in inverno. […] Ma la prego, è presto per partire, resti ancora un po' fra noi, in quanto Fernando Pessoa. Pessoa appoggiò una guancia sul cuscino e fece un sorriso stanco. Caro António Mora, disse, Proserpina mi vuole nel suo regno, è ora di partire, è ora di lasciare questo teatro d'immagini che chiamiamo la nostra vita, sapesse le cose che ho visto con gli occhiali dell'anima, ho visto i contrafforti di Orione, lassù nello spazio infinito, ho camminato con questi

[6] Antonio Tabucchi, *Gli ultimi tre giorni di Fernando Pessoa. Un delirio*, op. cit. pp. 49–50.

> piedi terrestri sulla Croce del Sud, ho attraversato notti infinite come una cometa lucente, gli spazi interstellari dell'immaginazione, la voluttà e la paura, e sono stato uomo, donna, vecchio, bambina, sono stato la folla dei grandi boulevards delle capitali dell'Occidente, sono stato il placido Buddha dell'Oriente del quale invidiamo la calma e la saggezza, sono stato me stesso e gli altri, tutti gli altri che potevo essere, ho conosciuto onori e disonori, entusiasmi e sfinimenti, ho attraversato fiumi e impervie montagne, ho guardato placide greggi e ho ricevuto sul capo il sole e la pioggia, sono stato femmina in calore, sono stato il gatto che gioca per strada, sono stato sole e luna, e tutto perché la vita non basta. Ma ora basta, mio caro António Mora, vivere la mia vita è stato vivere mille vite, sono stanco, la mia candela si è consumata, la prego, mi dia i miei occhiali. […] Pessoa sospirò. António Mora prese gli occhiali sul comodino e glieli accomodò sul viso. Pessoa spalancò gli occhi e le sue mani si fermarono sul lenzuolo. Erano esattamente le venti e trenta.[7]

Nella prospettiva dei due autori la morte non viene negata, ma accettata perché è un cambiamento, una metamorfosi. È una morte che viene considerata come ritorno all'Ordine della Natura. Citando Lucrezio, Tabucchi fa un chiaro riferimento al materialismo epicureo, secondo cui la morte non è altro che la dissoluzione dell'anima e quindi non c'è nulla da temere perché quando c'è la morte, noi non ci siamo più, e quando ci siamo noi, la morte non esiste. La paura della morte è considerata irrazionale, poiché non può danneggiare né i vivi né i morti.

Il discorso di Pessoa ha una direzione diversa perché affronta la morte come la chiusura del suo processo creativo ed esistenziale ed è quindi un compimento e non un annullamento.

I giornalisti Massimo Popolizio, Gianluigi Fogacci, Isabella Mangani, Felice Zaccheo, nella recensione a *Gli ultimi giorni di Fernando Pessoa,* sottolineano come il libro sia un grido d'amore per una letteratura da parte dei due grandi scrittori. È una dichiarazione di assoluta dedizione all'arte che più di ogni altra permette di scavalcare le frontiere, vivere le vite di altri, guardare il mondo con occhi diversi per tornare a vedere le cose con i propri. E, soprattutto, ad imparare l'arte sottile e complicata di usare le parole.

Tabucchi ha omaggiato il grande autore portoghese di questo piacevole scritto, offrendogli la magica possibilità di salutare, una volta per tutte, i protagonisti delle sue storie ed i suoi lettori.

---

[7] Antonio Tabucchi, *Gli ultimi tre giorni di Fernando Pessoa. Un delirio*, op, cit, pp.58-59.

1.3 La Poesia della Morte e la Vita come Viaggio

La morte è la curva della strada,
morire è solo non essere visto.
Se ascolto, sento i tuoi passi
esistere come io esisto.
La terra è fatta di cielo.
Non ha nido la menzogna.
Mai nessuno s'è smarrito.
Tutto è verità e passaggio[8]

Nella poesia *La Morte è la Curva della Strada* di Fernando Pessoa, l'autore ci dimostra come la poesia spesso trovi le parole che noi non riusciamo a trovare. La morte è il proseguimento naturale della nostra vita. Difficile dire dove ti porti una strada, anche quando crediamo di conoscerla. Ad ogni svolta troviamo una sorpresa, ad ogni curva si affaccia un panorama che non ci aspettavamo, che non ricordavamo.

Si muore non solo quando la strada finisce, ma anche quando ci ritroviamo per quella strada improvvisamente soli, quando diventiamo invisibili per il mondo che ci circonda.

Ma quando qualcuno incontra il nostro sguardo ed è disposto a sostenerlo per tutto il tempo che verrà, in tutto quello che sarà necessario, allora non ci sono più confini tra terra e cielo. Apparteniamo tutti ad un'unica dimensione nella quale ci ritroveremo sempre, nella quale continueremo a sentire la presenza di chi amiamo, anche se non è più vicino a noi.

Non che questo renda la morte più leggera, ma è importante cogliere tutte le sfumature della vita in profondità, assaporando anche le parole che la rendono più piena. Le parole hanno il potere di accompagnare, di farci ragionare, di farci assumere consapevolezza rispetto al qui ed ora. È importante parlare della morte, chiamarla, dare

---

[8] Fernando Pessoa, *La morte è la curva della strada*, in *Poesie di Álvaro de Campos*, a cura di Maria José de Lancastre, trad. di Antonio Tabucchi, Milano, Feltrinelli, 1993, pp 302.

un nome a tutti suoi aspetti, per farla esistere e così dominarla, conoscerla, affrontarla; senza terrore, con consapevolezza; consapevolezza di ciò che siamo, di ciò che è vita.

> Nei pochi versi ispirati delle sue poesie esoteriche Pessoa è in grado di unire due grandi temi chiarendo l'imperscrutabilità della morte e, al contempo, rivelando l'essenza della vita da intendersi nel suo significato di viaggio-percorso che conduce a una destinazione. In una sola metafora: "la morte è la curva della strada" il poeta portoghese è capace di condensare una verità quasi metafisica[9]

Afferma Alice Figini, ex redattrice di sololibri.net, nel suo articolo *La morte è la curva della strada: la poesia trascendente di Fernando Pessoa.* Vediamo quindi come Pessoa abbia una visione della morte quasi astratta e non come una scomparsa assoluta; è un approccio alla vita decisamente complicato.

In certi casi, la morte rappresenta la misura della vita, il suo opposto, la sua conclusione; può essere un luogo spaventoso o una dimora silenziosa e tranquilla, dove finalmente ci si può riposare oppure può essere il nulla dal quale può salvarci solo il ricordo. La morte può essere una trasformazione, un passaggio, un brusco cambiamento lungo la strada della vita.

Tutta la vita di Pessoa è una ricerca senza sosta, la ricerca impossibile di conoscere il vero se stesso, che il poeta attua nel rassicurante mondo della scrittura. Per lui, che sin dall'infanzia è isolato dal mondo e dalla vita reale è meglio scrivere piuttosto che osare vivere, per questo non è spaventato all'idea di morire: perché non è una fine, bensì una sparizione dalla vista degli altri; è come se l'essere continuasse da qualche altra parte o semplicemente in qualche altra forma.

«Morire è solo non essere visto»[10] dice in *Il libro dell'inquietudine* attraverso il suo eteronimo Bernardo Soares. In questa frase la morte viene privata del suo terrore; per lui, il vero enigma è il vero turbamento non è la morte, ma la vita. La vita è una condizione faticosa, contraddittoria, disturbante. Vivere significa fingere continuamente, assumere ruoli, maschere; significa cercare se stessi e non trovarsi mai.

Come scrive Pessoa: «Non sono nulla. Non sarò mai nulla. Non posso voler essere nulla. A parte questo, ho in me tutti i sogni del mondo»[11]. Attraverso questa frase

---

[9] FIGINI Alice, «*La morte è la curva della strada: la poesia trascendente di Fernando Pessoa»,* Rivista Online *SoloLibri.net*. Novembre 2022, p. 1.

[10] Fernando Pessoa, *La morte è la curva della strada*, in *Poesie di Álvaro de Campos, cit.,* p. 302.

[11] Fernando Pessoa, *Poesie di Álvaro de Campos, cit.,* p. 114.

esprime il vuoto esistenziale, ma anche la pienezza immaginativa, che rende la scrittura e il sogno più vivi della vita stessa.

Attraverso il suo eteronimo Ricardo Reis, Pessoa analizza la morte sotto svariati punti di vista. L'autore si ispira a diverse correnti letterarie per delineare il profilo del suo altro io; la maggior parte sono correnti che appartengono al mondo classico tra cui l'epicureismo, che insegna a non angosciarci temendo la morte perché arriverà inevitabilmente, ma non sappiamo quando. Qui, la morte viene vista come una compagna della vita, una certezza che ci portiamo dietro lungo tutto il nostro percorso. Mentre dallo stoicismo, corrente letteraria il cui ideale per eccellenza è l'apatia, la felicità si ottiene attraverso il controllo delle passioni, attraverso l'indifferenza nei confronti dello scorrere della vita e attraverso l'accettazione dell'ordine naturale delle cose e quindi anche della morte. Sapendo che questo stato di cose non può essere cambiato, allora perché angosciarsi?

La stessa morte per Alberto Caeiro non è un evento drammatico, facendo parte del ritmo e del corso naturale delle cose, la morte va accolta con estrema calma perché è ciò che da significato alla vita. Infatti, l'ultima poesia che quest'ultimo scrive prima di morire è di rara serenità: *É Talvez o Último Dìa da Minha Vida*. Poesia fondamentale per Caeiro perché sa che probabilmente è il suo ultimo giorno di vita, quindi l'ultimo giorno in cui vedrà il sole; ma non gli dice addio, bensì lo saluta come ha fatto tutti i giorni, lo saluta per il piacere di rivederlo ancora una volta perché per lui la morte si accoglie come si accoglie il sonno la sera, senza drammaticità. È importante sottolineare che Caeiro è ateo e quindi la morte per lui è semplicemente l'ultima tappa del cammino della vita che inizia con la nascita. La consapevolezza dell'inevitabilità della morte dovrebbe portare, secondo egli, non sono ad accettare la morte ma a fare della nostra vita un momento di profonda allegria.

In *O Ano da Morte de Ricardo Reìs*, pubblicato nel 1984, lo scrittore Premio Nobel portoghese Josè Saramago riporta in vita Ricardo Reìs, il quale sopravvive alla morte di Pessoa: Pessoa è morto nel 1935, ma uno dei suoi eteronimi continua a vivere; torna in Portogallo e vaga nella Lisbona sotto il controllo del regime autoritario di Salazar, che governa il Portogallo con il suo Estado Novo dal 1932. Qui, Reìs, riflette, scrive e dialoga con il fantasma di Pessoa. Saramago ha quindi preso sul serio il gioco letterario di Pessoa e ha dato una vita propria al suo eteronimo, anche dopo la morte del suo creatore. Come

vedremo, Pessoa, non attribuì un anno preciso di morte a Reìs, né agli altri suoi eteronimi, e Saramago ha deciso di far vivere un anno in più e immaginare una storia per l'eteronimo, che fece morire nel 1936, un anno dopo Pessoa.

«Non siamo morti del tutto, Ricardo»[12],, afferma Pessoa alla fine del libro, sottolineando come il senso del libro sia che nella letteratura, nella memoria e nei sogni si può continuare ad esistere anche dopo la morte. Saramago, in questo libro, rende quindi concreta la concezione della morte per Pessoa, vista non come una fine, ma come una trasformazione. E finché qualcuno scrive, ricorda, legge, ne Reìs ne Pessoa moriranno davvero.

In Tabucchi, la morte è percepita più come un tempo che fugge. Come possiamo osservare dalle sue opere, i suoi personaggi ricordano spesso i morti, li incontrano nei sogni, nelle visioni, nei ricordi.

Sia in Pessoa che in Tabucchi, la morte non è un'interruzione, ma un passaggio: in uno, verso la molteplicità dell'io; nell'altro, verso la memoria e il sogno. Entrambi trasformano la morte in parola, facendo della letteratura una forma di sopravvivenza.

---

[12] . Saramago, *O Ano da Morte Ricardo Reis*, trad. di R. Desti, Milano, Feltrinelli, 2002, p. 346.

CAPITOLO 2:
Scrittura e Identità

2.1. Vita e Formazione di Fernando Pessoa

Scopriamo allora la vita e l'identità sfaccettata dell'autore Fernando Pessoa, un uomo che ha vissuto mille esistenze in una sola e soprattutto uno degli scrittori più enigmatici del Novecento.

Fernando António Nogueira Pessoa nacque il 13 giugno a Lisbona, da Madalena Pinheiro Nogueira e Joaquin de Seabra Pessoa, critico musicale di un giornale cittadino. Quando aveva cinque anni suo padre morì di tubercolosi. Sua nonna paterna, signora Dionisia, era affetta da una grave forma di follia e morì in manicomio. Nel 1895 si trasferì a Durban, perché sua madre si era risposata con il console portoghese in Sudafrica. Fece tutti i suoi studi in lingua inglese. Ritornò in Portogallo per iscriversi all'Università, ma non continuò gli studi. Visse sempre a Lisbona. L'otto di marzo del 1914 apparve il suo primo eteronimo, Alberto Caeiro. Seguirono Riccardo Reis e Álvaro de Campos. Gli eteronimi erano altri da sé , voci che parlavano in lui e che ebbero una vita autonoma e una biografia. Inventò tutte le avanguardie portoghesi e divenne la figura di riferimento dei primi modernisti portoghesi e della loro rivista *Orpheu*, pubblicata nel 1915. Visse sempre in modeste pensioni o in camere d'albergo. Nella sua vita conobbe un solo amore, Ophelia Queiroz, impiegata come dattilografa nella ditta di import-esport in cui lavorava. Fu un amore intenso e breve. In vita sua pubblicò solo in riviste. L'unico volume pubblicato prima di morire è una raccolta di poesie intitolata *Mensagem*, una storia esoterica del Portogallo. Morì il 30 novembre 1935 all'ospedale di São Luís dos Franceses a Lisbona, per una crisi epatica, probabilmente causata dall'abuso di alcol.

Pessoa visse per 47 anni una vita scandita dal metronomo dell'abitudine dal grigiore quotidiano; a parte quando visse a Durban, lavorò tutta la vita come impiegato e traduttore part-time di lettere commerciali presso varie ditte di esportazione a Lisbona e questa banalità della sua vita reale contrasta con quello che è riuscito a creare da un punto di vista letterario

> Ho creato in me varie personalità. Creo costantemente personalità. Ogni mio sogno, appena lo comincio a sognare, è incarnato da un'altra persona che inizia a sognarlo, e non sono io. Per creare, mi sono distrutto; mi sono esteriorizzato dentro di me che

> dentro di me non esisto se non esteriormente. Sono la scena viva sulla quale passano svariati attori che recitano svariati drammi. [13]

I biografi e gli studiosi del grande scrittore portoghese non dimenticano quella sua dichiarazione in cui afferma che fin dall'infanzia aveva piacere a circondarsi di personaggi fittizi da lui inventati e ai quali egli stesso attribuiva l'origine remota dei suoi eteronimi. Un modo per esprimere la sua inquietudine e un importante posto nelle biografie di Pessoa ù lo occupa António Mora. Tra il 1914 e il 1915, Pessoa decise di firmare con il nome del dottor António Mora, laureato in giurisprudenza, i primi testi teorici sul paganesimo e neopaganesimo, emancipando così il personaggio da finzione narrativa a vero e proprio eteronimo, autore in proprio di testi.

Fernando Pessoa, quasi da solo, animò la storia letteraria portoghese per almeno un ventennio, dal 1915 al 1935 circa, attraverso la creazione degli eteronimi completamente diversi, contrastanti per temperamento, contenuti, sensibilità. Ciò che li caratterizza è che sono tutti grandi e affascinanti, sia per i temi che per la qualità dei loro versi. Tutti questi eteronimi di Pessoa tacquero nello stesso momento: il 30 novembre 1935, giorno della morte del poeta e scrittore portoghese. La sua, è quindi, una personalità che può essere definita straordinaria soprattutto perché a questa ricchezza interiore corrisponde un'esistenza altamente minimalista, ovvero, ciò che più colpisce della sua biografia è la quasi totale assenza di eventi significativi. E quindi, chi era in verità Fernando Pessoa? Un uomo geniale, eppure se stesso, tanto che l'ortonimo, era una persona estremamente banale.

2.2. L'eteronimia: genesi. significato e protagonisti

Il 13 gennaio 1935, 10 mesi prima dalla sua morte, Fernando Pessoa scrive una lettera al suo amico e intellettuale Adolfo Casais Monteiro in cui prova a spiegare l'origine dei suoi eteronimi.

> Comincio dalla parte psichiatrica. L'origine dei miei eteronimi è il tratto profondo di isteria che esiste in me. Non sono se sono semplicemente isterico o se sono, più propriamente, un istero-nevrastenico. Propendo per questa seconda ipotesi, perché ci sono in me fenomeni di abulia che l'isteria propriamente detta non registrafra i suoi sintomi. Come che sia, l'origine mentale dei miei eteronimi sta nella mia tendenza organica e costante alla spersonalizzazione e alla simulazione. Questi

[13] Fernando Pessoa, *Il libro dell'inquietudine*, a cura di Maria José de Lancastre e Antonio Tabucchi, Feltrinelli, Milano 1991, p.85.

> fenomeni, fortunatamente per me e per gli altri, in me si sono mentalizzati; voglio dire che non si manifestano nella mia vita pratica, esteriore e di contatto con gli altri; esplodono verso l'interno e io li vivo da solo con me stesso[14]

Comincia dalla parte psichiatrica, facendo capire che egli avesse coscienza del fatto che si trattasse di un fenomeno mentale e quindi era un uomo razionale e lucido, come se la sensibilità fosse minima nella gestione di se stesso.

Egli autodefinisce il processo di spersonalizzazione che lo ha portato alla creazione degli eteronimi e gli dà pure un nome: si definisce un istero nevrastenico. Un fenomeno psichiatrico, ma anche intimamente legato alla tendenza alla simulazione e alla spersonalizzazione ed anche questi fenomeni si mentalizzano in lui, ovvero non si manifestano nella sua vita pratica, esteriore e di contatto con gli altri.

Nel saggio *Pessoa, le polveri dell'io* ripreso da *Un baule pieno di gente*, Antonio Tabucchi scrive:

> Pessoa si distacca dalle proprie sensazioni di dolore, le consegna ad "un altro io" incaricato di soffrire in sua vece, e infine filtra tutto in una forma letteraria, scrivendo ogni volta con un diverso stile, "cose sentite in altrui persona". L'io si spersonalizza –si sdoppia—e i vari eteronimi incarnano personalità autonome che moltiplicano la sua identità interna[15]

Tabucchi sottolinea come in Pessoa la moltiplicazione dell'io non sia un semplice gioco letterario, ma una forma di espressione interiore profonda. I suoi eteronimi non sono maschere, ma vere e proprie identità autonome che nascono da una spersonalizzazione reale: il desiderio di esprimere e l'impossibilità di farlo direttamente.

In questo caso si può quindi parlare di una sorta di spersonalizzazione cosciente: i sentimenti più sinceri non vengono vissuti o espressi nella sua vita quotidiana, ma attraverso figure immaginarie, ciascuna con le proprie caratteristiche e una propria visione del mondo.

Questi io interiori non esistono nel diretto contatto con gli altri, ma si muovono solo nello spazio interiore, dove tutto viene assorbito, trasformato e restituito sotto forma di scrittura. È proprio questa capacità di Pessoa, di dare vita a ciò che è sepolto dentro di lui, a colpire lo scrittore italiano: la sua letteratura non rappresenta il mondo, ma la complessità di chi lo percepisce.

---

[14] Antonio Tabucchi, *Il poeta è un fingitore*, Feltrinelli, Milano 1984, p. 29.

[15] Antonio Tabucchi, *Un baule pieno di gente. Scritti su Fernando Pessoa*, Milano, Feltrinelli, 1990, p. 82.

Questa tendenza alla spersonalizzazione finisce con silenzio e poesia. Nella lettera a Monteiro, Pessoa racconta che da piccolo aveva la tendenza ad inventare amici immaginari e a creare mondi irreali intorno a sé, e credeva di vedere questi amici immaginari a tal punto da domandarsi se fossero immaginari o reali. Cosa significa, dunque, la vita reale? Questa tendenza alla creazione di un mondo immaginario che lo ha sempre accompagnato da quando ricorda di esistere.

Pessoa per convincersi che non siano figure reali deve fare uno sforzo, perché questi personaggi hanno avuto un'importanza reale al punto di far parte della sua sfera affettiva, nostalgica. Si chiede: « Il fatto che siano esistiti nella mia affettività li rende forse meno reali di ciò che sono in carne ed ossa?»[16]. Da un pensiero che si trasforma in una frase che esprime un concetto lontano anni luce da ciò che è Pessoa, nascono i suoi eteronimi.

> Un giorno in cui avevo definitivamente rinunciato — era l'8 marzo 1914 — mi sono avvicinato a un alto comò e, prendendo un foglio di carta, mi sono messo a scrivere, all'impiedi, come faccio ogni volta che posso. E ho scritto circa trenta poesie di seguito, in una specie di estasi di cui non riesco a capire il senso. Fu il giorno trionfale della mia vita e non potrò mai averne un altro come quello. Cominciai con un titolo: *O Guardador de Rebanhos* (Il guardiano di greggi). E quello che seguì fu la nascita in me di qualcuno a cui diedi subito il nome di Alberto Caeiro. Scusate l'assurdità di questa frase: il mio maestro era sorto in me. [17]

Fernando Pessoa racconta di aver creato in una notte il suo maestro Alberto Caeiro e di aver scritto più di 30 poesie che fanno parte dell'opera *O Guardador de Rebanhos* e *Chuva Obliqua*. Si scoprì più tardi, attraverso le perizie dei manoscritti sugli inchiostri, che queste poesie non furono scritte tutte lo stesso giorno; e allora perché l'autore racconta una cosa non vera? Probabilmente per la pubblicità di se stesso; promuove la sua produzione rendendosi conto della folle genialità che è l'eteronimia, facendo credere che ci sia quasi un'aspirazione dall'alto.

Nel racconto di Antonio Tabucchi *Sogno di Fernando Pessoa, poeta e fingitore* tratto dal libro *Sogni di sogni*, l'autore italiano immagina di vedere Pessoa in un sogno in cui si dirige verso Santarèm,, attraversa un paesaggio portoghese e si ritrova in Sudafrica, dove incontra il suo maestro Alberto Caeiro, il quale afferma «Io sono lei. Sono la parte

---

[16] PESSOA, Fernando, «*Lettera a Adolfo Casais Monteiro, 13 gennaio 1935*», op, cit, p. 6.
[17] Ivi, p. 8.

più profonda di lei, la sua parte oscura.»[18], una frase fondamentale del testo che spiega come Pessoa abbia dato voce a parti interiori di sé, trasformandole in personaggi autonomi con una propria biografia, descrizione fisica, caratteriale e soprattutto una precisa ora di nascita, perché, nell'idea di Pessoa, la congiunzione astrale determinava il carattere del suo personaggio, quindi il segno zodiacale degli eteronimi è molto importante. Nel racconto, durante il viaggio di ritorno, il vetturino chiede a Pessoa dove volesse essere portato e quest'ultimo risponde «Mi porti verso la fine del sogno, oggi è il giorno trionfale della mia vita»[19].

Durante la vita di Fernando Pessoa, a parte pochissimi amici tra cui Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros, Santa-Rita Pintor, Armando Côrtes-Rodrigues, collaboratori della rivista *Orpheu,* nessuno sapeva dell'esistenza degli eteronimi, neanche la critica. Si scoprì nel 1942, quando Luís de Montalvor, anche lui amico di Pessoa, fondò la casa editrice Ática, volendo pubblicare le opere di Pessoa ortonimo. Si mise, quindi, mano a questo enorme baule che Pessoa teneva in casa, dentro il quale erano stipati fogli rilegati con lo spago. Ciò che si delineò fu una personalità letteraria che si può definire una delle più mostruose di tutto il '900. Ciò che venne scoperto andava oltre a quanto, anche gli stessi amici, conoscevano della sua produzione: progetti letterari, frammenti, bozze, opere iniziate, aforismi, lettere, traduzioni (dall'inglese al portoghese e viceversa), liste di nomi e di opere. Un materiale immenso definito da Antonio Tabucchi «Un baule pieno di gente». Fu qualcosa di commovente e quasi spaventoso: Pessoa ha vissuto tutta la vita con queste presenze dentro di sé, senza che il mondo lo sapesse. Ancora oggi, a quasi 90 anni dalla sua morte, tutto quello che è stato scoperto non è stato completamente decifrato e pubblicato; a ciò bisogna aggiungere le opere di Pessoa ortonimo, ed oltre alle opere dei maggiori eteronimi (Caeiro, Reis e De Campos), c'è un'altra vera e propria galassia di personaggi che si aggirano sui centoquindici, tra cui personaggi minori che non possono essere definiti eteronimi per la mancanza di spessore biografico.

Come racconta Antonio Tabucchi nel suo libro *Un baule pieno di gente*, la scoperta delle opere di Pessoa fu un vero e proprio evento letterario:

---

[18] Antonio Tabucchi, *Sogno di Fernando Pessoa, poeta e fingitore*, in *Sogni di sogni*, Sellerio, Palermo, 1992, pp. 73.
[19] Ivi, p.89.

> Fernando Pessoa non è un autore: è una letteratura […]. Dentro quel baule c'era una folla, una vera assemblea di personaggi che parlavano lingue diverse, che avevano idee diverse, che spesso si contraddicevano. Era un mondo intero. Quel baule non è solo un'immagine letteraria, è un simbolo delle sue opere e delle sue sfaccettature identitarie; Pessoa ha lasciato in eredità un labirinto in cui ogni foglio porta a una nuova identità e ad un'altra visione del mondo. Tabucchi, invece, attraverso la sua sensibilità è riuscito ad entrare nel labirinto pessoano, non solo da critico e da studioso, ma quasi da amico, da viaggiatore. Anche grazie a lui oggi possiamo comprendere Pessoa non solo come poeta, ma come universo.[20]

L'eteronimia viene definita dallo stesso Pessoa come un fenomeno psichico e organico; gli eteronimi appaiono all'improvviso, spesso attraverso una battuta, una frase, che non appartiene al suo modo di pensare ed egli stesso vede la figura che ha pronunciato questa frase, gli attribuisce una fisionomia e un nome: così nascono Alberto Caeiro, Ricardo Reìs e Alvaro de Campos.

Alberto Caeiro nasce a Lisbona il 16 aprile 1889, segno zodiacale ariete; passa quasi tutta la sua vita in campagna, in una fattoria della regione di Ribatejo. Rimane orfano in tenera età ed è costretto ad abbandonare la capitale e trasferirsi dall'anziana prozia. Visse di piccole rendite perché non esercitò nessuna professione. Era di media statura e appariva meno fragile di quanto fosse in realtà, essendo di salute cagionevole. Non ricevette una grande istruzione, fermandosi all'istruzione obbligatoria e per questo motivo, non scrivendo così bene, non compose mai in prosa, ma la sua produzione fu esclusivamente in poesia.

Qui appare già una contraddizione pessoana, poiché Caeiro viene descritto come un uomo con scarsa istruzione, ma Pessoa lo considera il suo maestro. Come mai? Egli è un maestro in una disciplina che non si apprende a scuola ma si impara dalla vita: l'arte di disimparare, liberarsi dalla filosofia, dai pensieri perniciosi, dalle domande prive di risposte, dalla metafisica, dalla razionalità. Per Pessoa è un'arte sconosciuta perché è un uomo estremamente razionale che non può fare a meno di porsi domande, di cercare risposte. Caeiro è considerato il poeta del reale oggettivo: un poeta che concepisce la realtà esattamente come è; non si pone domande, non mette in moto il meccanismo della riflessione, bensì si limita a guardare, a contemplare ciò che lo circonda, soprattutto la natura in quanto è la realtà che costituisce il mondo. Caeiro è un poeta che rifiuta in maniera assoluta l'idea di soggettività e di introspezione

---

[20] Antonio Tabucchi, *Un baule pieno di gente*, op, cit., p.87.

Lo sguardo di Caeiro è uno sguardo che non procede per simboli ma per elementi che fanno parte della realtà. Vedere le cose, non lasciarsi prendere dalla vocazione, dalla fantasia significa tornare a vedere e accettare la singolarità di ogni cosa. Tornare a vedere le cose significa rinunciare alla dolcezza del sogno, rinunciare a lasciarsi andare alla memoria, al ricordo, limitarsi ad un presente infinito, rifiutando i filtri dei sentimenti e del pensieri.

La sua è una poesia che è capace di rappresentare la realtà senza la mediazione nociva del pensiero. Questo non vuol dire che la sua poesia non sia ragionativa, anzi la serenità dei suoi versi convive con un tono corrosivo, quasi al confine con la parodia, e proprio la convivenza con aspetti contrastanti non è altro che una prova di come gli eteronomi siano di fatto degli individui e in quanto individui possono essere contraddittori.

Caeiro è l'anti-filosofo, l'anti-scienziato, l'anti-metafisico. Proprio egli dichiara, con convinzione e forza, che l'unico senso intimo delle cose è che le cose non hanno alcun senso intimo, le cose non hanno significato ma hanno esistenza. Non esiste la ragione esistono solo i sensi e in particolare modo tra questi i sensi a lui più vicini sono la vista e l'udito.

Afferma anche che il pensiero è una malattia perché colui che pensa non trovando necessariamente le risposte di cui ha bisogno non può fare altro che ammalarsi di tristezza, di solitudine, perché non esiste nessun mistero nella vita, è quella che esattamente è.

Ricardo Reis nasce a Porto nel 1887. Nella lettera ad Adolfo Casais Monteiro, Pessoa dice che non ricorda né il giorno né l'ora di nascita di Reis, ma in realtà nel baule è stata trovata una nota biografica di Reis: 19 settembre 1887 alle 16.05, segno zodiacale vergine.

Uomo leggermente più basso rispetto a Caeiro, con un fisico più asciutto, senza barba. Sempre nella lettera, Pessoa dice che egli è stato educato in un collegio di gesuiti, è un medico, sebbene non risulti da nessuna parte, e vive in Brasile; si è volontariamente auto esiliato a causa del suo credo monarchico e l'insoddisfazione nei confronti della politica del suo paese dal 1919 e, infine, ci dice che la sua formazione, forse perché gesuita, è quella di un latinista e grecista.

Se Caeiro è stato definito il poeta del realismo oggettivo, Reis può essere definito il poeta classico della serenità epicurea: un poeta che accetta con calma e lucidità la

relatività e la fugacità di tutte le cose; al contempo però e anche il filosofo che difende il *Carpe Diem* di Orazio, individuando, in questa duplice capacità, di accettare con calma e lucidità la relatività, ma al contempo godendo di queste cose, il cammino verso la felicita.

Reis prova a raggiungere il piacere e la felicità cercando di vivere secondo le leggi del destino, un atteggiamento di indifferenza nei confronti del dolore e della vita. È un pensiero molto simile a quello di Caeiro, ma la differenza tra i due è che in Reis questo atteggiamento indifferente nei confronti della vita è raggiunto attraverso una forte autodisciplina e un enorme sforzo. Caeiro si limita a guardare e a non pensare. Reis attraverso il ragionamento si impone di vivere in questo modo.

Nonostante l'insoddisfazione verso la politica del suo paese, la poesia di Reis non contiene nessun segno di rivolta.

Una delle preoccupazioni principali della sua poesia è che, per essere sereni e felici, è necessario essere indifferenti alle preoccupazioni umane per evitare di farsi coinvolgere in lotte senza senso e insofferenze. Infatti le sue odi sono ispirate alla chiarezza, all'equilibrio, all'ordine. Egli cerca di raggiungere la pace, l'equilibrio, la serenità, senza soffrire. Pessoa, infatti, afferma in vari scritti di aver messo in Reis tutto il suo lato razionale, la sua disciplina mentale

Le sue sono poesie che in termini di spontaneità solo lontane da Caeiro: elaborate, pensate, non scritte di getto. Quello che sempre esprimono è il desiderio di vivere in modo sereno, tranquillo ed equilibrato, accettando non solo il naturale percorso delle cose di Caeiro, ma anche la loro natura effimera.

In questo suo profilo poetico sono fondamentali due correnti di pensiero appartenenti entrambi al mondo classico: l'epicureismo, che insegna che la conoscenza dell'universo passa attraverso la razionalità e lo stoicismo, il cui ideale per eccellenza è l'apatia.

Creando la biografia di Reis, Pessoa ha previsto tutto nel momento in cui ha scelto una precisa nata di nascita e un preciso orario.

Álvaro de Campos dei tre eteronomi è quello più attivo. Pessoa lo fa ampiamente partecipare all'attività letteraria del suo tempo. Sarà lui quello più reale, che più pubblicherà nella rivista *Orpheu*, perché colui che più interviene nella vita pubblica durante gli anni centrali del primo modernismo portoghese.

Nella lettera a Monteiro scopriamo che De Campos nasce in Algarve il 15 ottobre 1890 alle ore 13.30, segno zodiacale bilancia. È un ingegnere navale; studiò al liceo a Lisbona e poi in Scozia dove si è laureato in ingegneria sia meccanica che navale; dopo la laurea torna in Portogallo dove non lavora.

È alto 1 metro e 75, è magro e quindi un po' gobbo. Attraverso De Campos, Pessoa crea il tipico artista dandy del tempo, col vestito rigorosamente nero, il capello liscio con la riga da una parte, il monocolo e soprattutto crea un grande viaggiatore, anche mentale. Oltre alla Scozia fa un lungo viaggio via mare in oriente da cui nascerà l'opera *Opiário.*

È dei tre eteronimi quello per cui Pessoa simpatizzava di più, non soltanto per il fatto che è colui a cui demanda la partecipazione alla vita pubblica letteraria del tempo, ma anche perché è l'eteronimo con cui Pessoa si sentiva più a suo agio, forse perché più vicino a Pessoa stesso; egli ha un sentire che non si distanzia così tanto dall'autore come gli altri due, che hanno invece un approccio alla vita completamente opposto a quello dell'autore portoghese.

Da Pessoa, De Campos è definito avanguardista e cosmopolita: due qualità che egli esprime soprattutto nelle poesie in cui esalta in toni futuristi, la civiltà moderna, i progressi e i valori.

Passagem das horas, il testo del sensazionismo, è di Álvaro De Campos, è lui che cerca di sentire tutto in tutti i modi possibili. È il poeta della modernità e la celebra nelle sue poesie, le quali, la maggior parte, hanno uno stile torrenziale, ampio, delirante, quasi violento nei termini e nella punteggiatura. Parla di civiltà industriale, meccanica, ma allo stesso tempo, per la sua contraddizione che lo contraddistingue, si occupa anche del disincanto del vivere quotidiano, della solitudine dell'uomo in mezzo al progresso, dell'alienazione del cittadino.

De Campos è l'unico eteronimo ad avere 3 diverse fasi: la prima fase è decadentista, influenzata dal simbolismo. Qui esprime il tedio, la nausea, la stanchezza e la necessità di nuove emozioni per sfuggire alla monotonia. La seconda fase è modernista e avanguardista, influenzata da Walt Whitman e Tommaso Marinetti con il suo *Manifesto Futurista*, del 1909, legata alle correnti tipiche come il futurismo e il cubismo, è quindi una fase in cui c'è l'esaltazione del mondo moderno e del progresso; qui, nella sua poesia, tende ad esplorare la bellezza dei meccanismi in fuga, in contrapposizione alla concezione tradizionale del bello nell'arte. La terza fase è pessimista e nichilista, in cui Fernando

Pessoa sembra lasciar cadere la maschera attraverso De Campos, rivelando un profondo vuoto che attraversa l'ultima fase dalla sua vita. De Campos è pervaso da un senso di vuoto, di disincanto, in cui esprime stanchezza, nostalgia per ciò che è stato e insoddisfazione nei confronti della realtà; è un De Campos che riflette sul suo mondo interiore, ripercorrendo le fasi più belle della sua vita e il passare del tempo. C'è un evidente contrasto di disillusione tra la fase intimista e nichilista e l'ottimismo della seconda fase.

Ciò che De Campos cerca sono le sensazioni nella loro totalità in modo disordinato, ossia facendole proprie secondo il modo in cui le sente o le pensa, senza nessun organigramma. Molto spesso il suo modo caotico di aprirsi alle sensazioni crea in lui profonde tensioni, egli infatti non è interessato ai concetti altrui, né a scuole, o correnti letterarie, ne logiche formali, non intende difendere nessun dogma; egli assorbe le sensazioni in modo molto soggettivo e passionale. È il poeta della soggettività e questo fa di lui il poeta delle incertezze, che riflette il nuovo e il moderno, ma senza ideologie.

De Campos afferma che non è sufficiente osservare la realtà, in quanto niente al mondo ha valore senza l'interpretazione soggettiva, individuale di ognuno; ciò che da esistenza alla cosa osservata non è l'esistenza stessa della cosa, ma l'osservazione, l'analisi, l'interpretazione soggettiva della cosa stessa.

Il suo comportamento è determinato da Pessoa nella scelta del giorno e l'ora di nascita. Lo colloca nel segno zodiacale della bilancia perché ha come elemento l'aria e le persone con sotto questo segno tendono ad essere indecise, un po' ribelli e anarchiche.

> Porto dentro il mio cuore […] tutti i paesaggi che ho visto […] e tutto questo […] è poco per quello che voglio… Ho viaggiato per più terre di quelle che ho toccato… Ho visto più paesaggi di quelli su cui ho posato gli occhi.. Ho provato più sensazioni di tutte le sensazioni che ho sentito[21]

Cosi Fernando Pessoa nella poesia *Passagem das horas* di De Campos descrive una forte esperienza interiore: non è solo il mondo esterno ad agire su di lui, ma è lui stesso a trasformarlo dentro di sé. De Campos non si limita a vedere il mondo: lo assorbe. Ogni luogo, ogni via, ogni paesaggio estero diventa materiale emotivo; i ricordi diventano riflessi dell'anima che vivono nel suo paesaggio interiore. Ma tutto questo non basta, il

[21] Fernando Pessoa, *Passagem das Horas*, in *Poesie di Álvaro de Campos*, a cura di Maria José de Lancastre, trad. di Antonio Tabucchi, Feltrinelli, Milano, 1993, pp. 301.

desiderio dell'anima è infinito e quindi nemmeno i passaggi più vasti del mondo possono colmarlo. L'intersezione tra desiderio interiore e mondo esterno è sempre parziale, incompiuta. Pessoa attraverso il suo eteronimo ci fa notare come il viaggio, i paesaggi e le emozioni avvengono spesso nella nostra mente.

2.3. Antonio Tabucchi e l'eredità di Pessoa

«Pessoa è entrato nel palazzo dell'immortalità, come avrebbe detto Montale, non dalla porta principale, ma da una finestra, con tutta la sua gente»[22]

Come ricorda Antonio Tabucchi, riprendendo una celebre frase di Eugenio Montale tratta da un articolo critico, Pessoa è entrato nel palazzo dell'immortalità, tanto che è considerato lo scrittore portoghese più tradotto e conosciuto nel mondo; è entrato però in maniera stravagante, perché lo ha fatto attraverso i suoi molteplici spiriti. E, per circa un ventennio, 4 poeti diversi, contrastanti per voce e temperamento, però tutti ugualmente affascinanti per la qualità delle tematiche e dei loro versi, scrissero contemporaneamente, polemizzarono, discussero, ma inspiegabilmente tutti tacquero nello stesso momento, scomparendo nel nulla.

Antonio Tabucchi, nato a Pisa il 24 settembre del 1943, è stato docente di letteratura portoghese, scrittore, traduttore e giornalista. La sua passione per la lingua e la cultura del Portogallo, lo portano a laurearsi nel 1969 con una tesi sul Surrealismo in Portogallo. Esordisce come scrittore nel 1975 con il romanzo *Piazza Grande*. Professore dell'Università di Siena, insegna in prestigiose Università straniere (fra cui il Bard College di New York, l'Ecole de Hautes Etudes e le College de France di Parigi) ed è riconosciuto come uno dei più profondi conoscitori e divulgatori dell'opera di Fernando Pessoa. Dedica la sua vita e gli studi al poeta Fernando Pessoa, traducendo, insieme alla moglie Maria José de Lancastre, le sue opere in italiano, fonte d'ispirazione per molti poeti delle generazioni successive. Dal 1985 al 1987 è direttore dell'Istituto Italiano di Cultura di Lisbona.

Il 1984 è l'anno del suo primo romanzo importante, *Notturno indiano*, da cui, nel 1989 è stato tratto un film di Alain Corneau. Ma è solo attraverso i romanzi brevi che

[22] Antonio Tabucchi, *Un baule pieno di gente*, op, cit. p.104.

Tabucchi diventa famoso a livello internazionale. *Requiem* del 1992 e *Sostiene Pereira* del 1994, sono solo due dei titoli più conosciuti con il quale lo scrittore vince il Premio Super Campiello, il Premio Scanno, il Premio Jean Monnet per la Letteratura Europea, ed è finalista all'International IMPAC Dublin Literary Award. Questi due romanzi, che portano il nome di Antonio Tabucchi al di fuori dell'Italia, sono la testimonianza dell'incredibile amore che lo scrittore ha per il Portogallo.

Tabucchi collabora con il *Corriere della Sera*, con *El País* e dal 2006 con il blog del gruppo del *Cantiere*; pubblica occasionalmente anche dei pezzi per la rivista *Latinoamerica*. I suoi libri vengono tradotti in più di diciotto lingue. Muore il 25 marzo 2012 all'età di 68 anni per malattia

In un'intervista rilasciata alla trasmissione *Scrittori per un anno*, parla del legame che lo unisce al Portogallo, alla sua amata Lisbona e soprattutto all'opera di Fernando Pessoa. Tabucchi racconta di come a Parigi, negli anni '60, si sia per caso imbattuto in un libro di uno scrittore allora sconosciuto, ma a cui, da quel momento in poi, la sua vita sarebbe stata inesorabilmente legata: Fernando Pessoa. La passione per questo poeta lo spinge a studiare la lingua e la letteratura portoghese, a diventare uno dei più profondi conoscitori dell'opera di Pessoa, e a considerare il Portogallo la sua patria d'elezione.

Antonio Tabucchi, dopo aver tradotto nel 1986 parte del *Libro dell'Inquietudine* e avere scritto anche la prefazione dell'opera, scrisse *Un baule pieno di gente*, 1990, opera che, a distanza di tempo, gli esperti considerano ancora fondamentale.

Ecco che, attraverso uno stralcio di *Requiem*, una delle opere più famose di Antonio Tabucchi, notiamo come gli eteronimi di Pessoa e l'io narrante di Tabucchi appaiono come due facce di una stessa medaglia per raccontare la frammentazione dell'identità:

> Questa storia, che si svolge in una domenica di luglio in una Lisbona deserta, torrida, è il Requiem che il personaggio che chiamo "io" ha dovuto eseguire con questo libro. Se qualcuno mi chiedesse perché questa storia è stata scritta in portoghese, risponderei che una storia come questa avrebbe potuto essere scritta solo in portoghese. Ma c'è un'altra cosa da chiarire. A rigore un Requiem dovrebbe essere in latino […] Ora si dà il caso che io, disgraziatamente, col latino me la passi male. Sia come sia, ho capito che non potevo scrivere un Requiem nella mia lingua, e che avevo bisogno di una lingua differente, una lingua che fosse un luogo di affetto e di riflessione […] Il mio personaggio si trova a incontrare vivi e morti sullo stesso piano, persone, cose, luoghi che avevano bisogno forse di una orazione, un'orazione che il mio personaggio ha saputo fare a modo suo: attraverso un romanzo. Ma, prima

> di tutto, questo libro è un omaggio ad un paese che io ho adottato e che mi ha adottato a sua volta, ad una gente cui sono piaciuto e che, a sua volta, è piaciuta a me[23]

L'io personaggio, in un'opera letteraria, non è quasi mai uguale all'io autore è abbastanza comune. Ma mentre gli eteronimi di Pessoa sono altro rispetto all'autore portoghese, l'io di Tabucchi mantiene con l'autore un legame più ambiguo e sfumato, tra immedesimazione e finzione.

Nei suoi romanzi, come *Sostiene Pereira* o *Notturno indiano*, Tabucchi sembra usare la narrativa come uno specchio o come un sogno lucido, in cui l'identità non è mai la stessa, ma cambia, mutua, si frantuma. I suoi personaggi non parlano al posto suo, come accade in Pessoa, ma parlano di lui.

Entrambi gli autori, però, ci raccontano che l'identità non è per nulla solida, ma è qualcosa che si costruisce, si disfa e si reinventa continuamente. Pessoa lo fa moltiplicando il proprio io in voci autonome, mentre Tabucchi, entra dentro l'ambiguità del suo stesso io, lo attraversa, lo mette in dubbio, ma non cerca mai risposte definitive.

Secondo Fernando Pessoa tutti abbiamo degli stati d'animo e questo sentire influenza le percezioni delle cose, per cui quando siamo tristi tendiamo a vedere tutto ciò che ci circonda più cupo e allo stesso tempo il paesaggio esterno influenza il nostro stato d'animo. Questa, in breve, è la definizione dell'intersezionismo, il quale non può neanche essere considerato un genere letterario, bensì delle categorie concettuali molto difficili che assumono significato se riusciamo a vedere le immagini che le parole evocano più che le parole in sé. È, infatti, un continuo alternarsi di realtà e irrealtà.

L'Intersezionismo è la trasposizione letteraria del cubismo, ovvero il tentativo di realizzare in poesia ciò che i cubisti realizzavano in pittura. Fernando Pessoa conosceva il cubismo grazie a Mário de Sá-Carneiro, suo caro amico e co-fondatore, insieme a lui, della rivista *Orpheu.*

Sá-Carneiro lasciò il portogallo nel 1912 per vivere a Parigi fino al 1916, e, entrando in contatto con le avanguardie del tempo, racconterà a Pessoa ciò che accadeva a Parigi attraverso uno scambio di lettere tra i due autori. Tra le tante informazioni, nella lettera del 25 marzo 1913 e Sá-Carneiro afferma di essere pienamente d'accordo con ciò

---

[23] Antonio Tabucchi, *Requiem. Una allucinazione* (Milano: Feltrinelli, 1992), pp. 7–8.

che Pessoa pensa del cubismo; secondo egli, non si può essere cubisti senza essere impertinenti e millantatori.

Nella lettera Sá-Carneiro testimonia rispetto verso il cubismo ma ne critica certi aspetti come l'immagine di artisti vanitosi e superficiali, e suggerisce che il movimento, pur affascinante, è ancora incompiuto. Pessoa, incuriosito, decide di tentare di trasferire in poesia le teorie e le conquiste del cubismo; in particolare due aspetti: la simultaneità delle immagini e l'intersezione dei volumi. Dal desiderio di abolizione poetica, i cubisti abolivano la prospettiva, nacque l'intersezionismo.

Quella creata da Pessoa è terra d'approdo di una traversata, la crociera del tramonto diretta in nessun luogo che, come in *Opiário*, dal canale di Suez dovrebbe giungere in Europa in cui nulla lo lega a nulla. D'altra parte egli comprende che viaggiare è perdere paesi, essere un altro di continuo, perseguendo la mancanza di ogni scopo.

È questo il Sensazionismo, una corrente sicuramente tra le più originali sperimentate da Pessoa, perché non ha di fatto antecedenti in Europa, tra gli anni '10 e '20 dello scorso secolo, ruotanti intorno a varie riviste, *Portugal futurista, Orpheu*, la più importante, il cui catalogo è nel primo dei due volumi di *Una sola moltitudine* che raccoglie gran parte dell'opera del poeta insieme alle Poesie di Fernando Pessoa.

Seguendo il tracciato critico elaborato negli anni da Tabucchi ci si orienta seguendo la linea magica tra sé e l'altro da sé, passando la quale si incontrano i nomi. Eteronimia è creazione di vite di scrittori, poeti, pensatori, distinti da Pessoa secondo estetica e stile, ognuno autore di prose e di poemi.

CAPITOLO TRE:

La Solitudine

3.1 La solitudine creativa

> Ho sempre rifiutato di essere compreso. Essere compreso significa prostituirsi. Preferisco essere preso seriamente per quello che non sono, ignorato umanamente, con decenza e naturalezza[24]

Così Fernando Pessoa scrive di sé, probabilmente seduto davanti la sua *janela* da cui guardava in solitario la vita che passava sotto i suoi occhi, mentre lui, invece, dava alla luce altre centinaia di vite dentro se stesso.

La solitudine, a parer mio, è la caratteristica principale dell'autore portoghese. Quella solitudine che, per lui, si è trasformata in uno spazio fertile; grazie alla quale ha creato un mondo di autori, personaggi, identità diverse; grazie alla quale ha dato voce ai suoi pensieri più intimi, al suo silenzio interiore, alle sue idee più nascoste e remote, che probabilmente neanche lui pensava di poter sviluppare.

Tutto questo potrebbe essere un insegnamento da parte di Pessoa: a volte, restare soli con se stessi, con i propri pensieri, con i propri silenzi, è un modo per trovare e far uscire la nostra vera voce.

Il romanzo *Requiem*, scritto e pubblicato per la prima volta in portoghese nel 1991, e solo l'anno dopo in italiano per l'editore Feltrinelli, offre una storia, una sorta di passeggiata turistico-onirica lungo l'amata città di Lisbona, che dura un giorno. Il libro si apre e si chiude, manco a dirlo, nell'incontro con un poeta che, manco a dirlo ancora, non è altri che Pessoa anche se mai espressamente nominato.

> Pensai: quel tizio non arriva più. E poi pensai: mica posso chiamarlo tizio, è un grande poeta, forse il più grande poeta del ventesimo secolo, è morto ormai da tanti anni, devo trattarlo con rispetto, meglio, con tutto il rispetto.[25]

È l'incipit del libro che, inevitabilmente, si trasforma in un omaggio d'amore al suo alter ego e alla città. Gli artefici della resurrezione di Lisbona, dopo quarant'anni di grigia e crudele dittatura di Salazar, che ha confinato il Portogallo ai margini del mondo sino agli

---

[24] Antonio Tabucchi, *Il poeta è un fingitore. Duecento citazioni scelte da Antonio Tabucchi,* Milano, Feltrinelli, collana Impronte n. 62, 1988, p. 37.

[25] Antonio Tabucchi, *Requiem. Una allucinazione*, Milano, Feltrinelli, 1992, p.13.

anni Settanta del Novecento, sono stati proprio gli artisti e gli intellettuali. In particolare un giovane regista tedesco, il quale, collocando gran parte della scenografia del suo film a bordo del tram numero 28, che dal cuore della capitale, attraversando in salita una miriade di vicoli a pochi centimetri dalle mura delle case dei quartieri un tempo più poveri (e anche malfamati), Alfama, Barrio Alto e Graça, accompagnati in colonna sonora dalla musica dei Madredeus e dalla voce melodiosa e straziante della cantante solista Teresa Salgueiro, mostrava il cuore antico di una capitale europea dell'estremo occidente, allora povera ma che aveva cavalcato per secoli gli oceani con le sue merci nei quattro punti cardinali, dalle Molucche al Brasile.

Con il film *Lisbon Story*, Wim Wenders mostrò al mondo la resurrezione di una città an-cora povera e dagli edifici sontuosi e decaduti dallo stile pombalino post terremoto di metà Settecento e con il commento sonoro del fado moderno.

Il secondo artefice della fama mondiale di Lisbona è, naturalmente, il pisano Antonio Tabucchi che aveva già scoperto, poco più che ventenne, la propria intima natura portoghese su una bancarella parigina attraverso il primo impatto con il libro di Pessoa. Essendo l'illustre italiano tradotto in decine di lingue, il suo Portogallo ha fatto il giro del mondo con i libri propri e nella versione cinematografica come in *Notturno indiano* e *Sostiene Perreira*. Il primo diretto nel 1989 dal francese Alain Corneau, il secondo da Roberto Faenza nel 1995 con protagonista un indimenticabile Marcello Mastroianni.

«La smetta di frequentare il passato, cerchi di frequentare il futuro»[26]. È forse la frase cardine del romanzo *Sostiene Perreira*, probabilmente il più celebre di Antonio Tabucchi, il romanzo simbolo, il più tradotto nel mondo dell'autore toscano. Il romanzo della solitudine, il romanzo simbolo dello scrittore, e per proiezione del protagonista ed alter ego Pessoa, il romanzo della solitudine amata, protetta e infine abbandonata. Il titolo, tra i più celeberrimi della storia della letteratura contemporanea, non può non stimolare una lettura approfondita. È un ritornello ripetuto all'infinito come in un verbale di polizia o in una preghiera induista, è un refrain musicale come in una canzone popolare, è un rito propiziatorio per liberarsi, è un linguaggio in codice in tempi di dittatura fascista quando si poteva facilmente finire in galera con un timbro di voce sovversivo.

---

[26] Antonio Tabucchi, *Sostiene Pereira*, Milano, Feltrinelli, 1994, p. 158.

Il giornalista culturale Pereira, vedovo, dalla routine ricorrente, devoto alla moglie defunta, incontra un giovane intellettuale, dalle idee dinamiche e rivoluzionarie, il suo alter ego. Da quel momento ha inizio la sua trasformazione: da giornalista e intellettuale rinchiuso nel suo ufficio e nel suo lutto, ad anima brillante e ribelle. Alle convenzioni e alla dittatura, il grigio Perreira preferirà la democrazia e la vita, liberandosi non solo dagli abiti del vedovo e della costrizione sociale, ma anche da quelli dell'intellettuale che riesce a guardare oltre la superficie delle cose.

Qui è indispensabile sottolineare due risvolti particolari rispetto al profilo dello scrittore pisano-portoghese, due elementi di teoria che potrebbe sembrare antifreudiana: lo strappo dell'abito del suo maestro e della propria identificazione. Tabucchi rompe quel cerchio della solitudine che aveva costruito con Fernando Pessoa, indicando la strada e la potenza dell'azione che rende liberi e solidali, strada desiderata e quasi mai percorsa dal suo alter ego. È proprio in rare occasioni come queste che Tabucchi tenta di portare a termine l'alleanza e l'identificazione con il suo maestro Pessoa, con il quale condivide anche troppo, persino l'identità. Ma non tralasciamo un elemento che è quello ludico: non è dato sapere fino a che punto i due autori in letteratura e nella vita vivono a vicenda uno stato depressivo e di pessimismo e subito dopo cambiano idea prendendo in giro la vita comune e le abitudini quotidiane, e quindi, di conseguenza, tutti noi. Per avere una risposta esauriente, non ci resta che immergerci nella lettura di ciò che entrambi ci hanno lasciato.

La trasformazione a cui andrà incontro il protagonista, per i suoi modi di fare, farà sì che *Sostiene Pereira* si possa considerare una sorta di romanzo di formazione, perché, se all'inizio Pereira appare come un personaggio in cerca d'autore, che vive ai confini della vita, che sopravvive con il pensiero della morte e dialoga solo con il ritratto della moglie defunta, chiuso in quel suo mondo privato e solitario, ignaro persino dei fatti che gli accadono intorno e che stanno rivoluzionando il Portogallo e l'Europa, nel corso del romanzo egli acquisirà un insieme di consapevolezze e una forza interna che gli consentiranno di scoprire e di far prevalere dentro di sé un'energia vitale mai espressa con cui reagirà non solo all'idea interiore della morte ma anche alla realtà della morte, di cui sarà drammaticamente partecipe, e compirà quell'uscita da se stesso che lo porterà a vivere il mondo. Da quel cattolico, timido, pauroso giornalista che non riesce a dire quello

che vorrebbe dire, troverà, alla fine, il coraggio per dire la verità e, soprattutto, di abolire la compagnia della solitudine.

Il protagonista indiscusso del romanzo, poi riadattato al cinema e incarnato alla perfezione da Marcello Mastroianni, con la supervisione alla scenografia di Tabucchi, è proprio lui, il dottor Pereira, che conosciamo sin dalle prime righe come un uomo triste e solitario, sovrappeso e abitudinario. Ordina sempre lo stesso menù seduto nella sua *pastelaria* di fiducia: limonata e omelette; e così, come vive la monotonia nei pasti, conduce la propria esistenza; tra un dialogo con il quadro di sua moglie, i classici francesi da tradurre e gli articoli del giornale *Lisboa*, passa le giornate nel proprio studio che puzza di fritto. Quando incontra Monteiro Rossi, però, qualcosa cambia. Egli è un giovane è squattrinato e ingenuamente ribelle, ma in lui Pereira vede una personalità interessante e, come racconterà al quadro della moglie defunta, rivedrà in lui se stesso.

Il ricordo è uno dei temi principali di Sostiene Pereira e di tante altre sue opere, insieme al trascorrere del tempo. Ha ragione il dottor Cardoso quando consiglia al suo paziente Pereira di abbandonare il passato e di frequentare il futuro perché la nostalgia di un passato reso immobile dal ricordo gli impedisce di aprirsi alla vita. Però, ci si rende poi conto che il passato osservato con lucidità arricchisce lo sguardo di chi guarda al futuro.

Un lettore ingenuo ma non troppo, di fronte all'incrocio di identità, ovvero di eteronimi, di proiezioni in altri e di abbandono del sé, potrebbe richiamare un indizio patologico, un disturbo dissociativo di personalità classificato come *Dissociative Identity Disorder* dall'*American Psychiatric Association*, e definito come Disturbo di personalità multipla. È plausibile? Lo si può escludere? Soffrire di solitudine non comporta necessariamente lo scivolamento nel disturbo dissociativo della personalità. Nel caso di Fernando Pessoa, la sua folla di eteronimi rappresenta una scelta letteraria e consapevole, un artificio tecnico-artistico, seppur ai limiti della salute mentale.

3.2. L'identità molteplice: tra psiche e letteratura

> La cosa bella di Fernando Pessoa era la sua consapevolezza; infatti egli ha sviluppato una teoria sulla sua personalità: da solo si è auto diagnosticato e si è dichiarato isterico nevrastenico. Questo termine è stato influenzato dalla terminologia, dalle leggi psicologiche dell'epoca in cui si si parlava dell'isteria delle nevrosi, che erano nel contesto dell'Europa di inizio XX secolo; infatti, in questo periodo c'erano le influenze di Freud e di Charcot e sono proprio evidenti nella sua autoanalisi, nella

> sua percezione della sua condizione psicologica. Ad esempio sappiamo no che Sigmund Freud è stato un pioniere nella teoria dell'isteria e nella comprensione della psicoanalisi e Jean Martin Charcot è stato un famoso neurologo francese noto proprio per il suo lavoro sull'isteria di conversione. L'autoanalisi di Pessoa, la sua autopercezione riflettono effettivamente una profonda consapevolezza delle questioni psicologiche e dei conflitti interiori; però è importante notare che l'autodiagnosi e quindi questa comprensione della propria personalità possono essere anche influenzate da vari fattori: sia da teorie psicologiche dell'epoca, sia da esperienze proprie soggettive, quindi non è che abbiamo una vera diagnosi, questa era quella che si era fatta lui da solo. Questo è stato possibile perché Pessoa è proprio noto per la sua profonda introspezione, per la sua capacità di esplorare i complessi aspetti della mente umana e tutto attraverso la sua scrittura. La sua autoanalisi è stata parte integrante del suo processo creativo e ha contribuito alla creazione di molte delle sue opere letterarie. Le diagnosi psicologiche devono essere basate ovviamente su valutazioni cliniche fatte da professionisti, da psichiatri, da terapeuti […]. Pessoa proprio per questo è stato oggetto di tante interpretazioni, ma le ragioni del suo tormentato dolore esistenziale possono essere molteplici e complesse e alcuni dei fattori che potrebbero aver contribuito a questo tormento a questo dolore. […]. Si sa che Pessoa era noto per la profondità della sua introspezione, la sua riflessione, la sua sensibilità di esplorare emozioni profonde, pensieri complessi; e questo può forse aver contribuito al suo tormento interiore. […]. Era anche un individuo introverso, solitario. Il suo isolamento e la sua tendenza a vivere un'ampia parte della sua vita interiore possono forse avere alimentato una sorta di tormento esistenziale. Le sue opere spesso affrontano temi esistenziali complessi tra cui l'identità, il senso della vita e della morte. Questi temi possono essere fonte di turbamento e non di una profonda riflessione; e la creazione, la gestione dei suoi molteplici eteronimi, delle sue personalità hanno potuto essere un processo psicologicamente impegnativo poiché comportava una profonda immersione nelle diverse sfaccettature dell'identità umana. Inoltre egli ha vissuto anche un periodo storico caratterizzato da cambiamenti significativi dal punto di vista culturale, sociale e politico, che forse hanno potuto influenzare la sua psiche, quindi diciamo che il tormento interiore è un tema comune che molti artisti hanno; e la loro arte è un mezzo di espressione e di catarsi. La complessità dell'animo di Pessoa, il suo tormento hanno contribuito alla ricchezza della sua opera letteraria e poetica che quindi rimane oggetto di studio e di ammirazione in tutto il mondo.[27]

A supporto del nostro punto di vista, viene in soccorso la psicologa Stefania Perrone, esperta in arteterapia e studiosa del dharma. La Perrone ha dedicato al tema una puntata di circa trenta minuti del podcast *Dharma e psicologia*, facilmente consultabile su Spotify, dal titolo *Disturbo di personalità multipla attraverso gli occhi di Fernando Pessoa*. Secondo la Perrone, lo studio delle opere di Pessoa, analizzate da non pochi psicologi, anziché confermare il disturbo dissociativo dell'autore, contribuisce all'elaborazione delle emozioni e al benessere mentale. Ovvero, secondo la dottoressa, il disagio esistenziale non travalica nel disturbo psicologico e, quindi, le sue varie identità

[27] PERRONE, Stefania, *Disturbo di personalità multipla attraverso gli occhi di Fernando Pessoa*, podcast *Dharma e Psicologia*, Novembre 2023, dal min. 23 in poi.

letterarie, gli eteronimi, sollevano questioni sia sulla natura umana nella stagione storica della prima parte del Novecento che sui destini universali. Insomma, non abbiamo a che fare con un disturbato mentale, anzi, abbiamo davanti un uomo con una gigantesca sensibilità che esprime il dolore e lo smarrimento in un passaggio di civiltà che prelude ai gulag in Siberia, alla dittatura di Salazar in Portogallo e, soprattutto, alle camere a gas del nazismo tedesco alleato al fascismo di Mussolini. Dunque, «La negazione del sé di Pessoa, tramite la folla di eteronimi, era il passaggio obbligato per l'immortalità.»[28]

Il libro dell'inquietudine non nasce a caso, bensì prende forma a tappe nei primi decenni del Novecento, e poi postumo e definitivamente nel 1982 firmato da uno dei principali eteronimi Bernardo Soares, dopo essere rimasto rinchiuso in originale e fogli sparsi per quasi cinquant'anni dentro un baule. La crisi esistenziale, che anticipa o nasce contemporaneamente alla vigilia di due guerre mondiali, manifesta in Europa il disagio del vivere insieme alla crisi d'identità della borghesia che stava nascendo.

La nausea di Jean-Paul Sartre, pubblicato nel 1938 dopo varie riscritture, è il manifesto europeo dell'esistenzialismo e del mal di vivere; in Italia Montale in poesia con *Ossi di seppia* e Svevo in letteratura con *La coscienza di Zeno* descrivono le incapacità umane ad affrontare le nuove complessità, mentre, poco prima in pittura, nel celebre *L'urlo*, Edward Munch aveva descritto l'angoscia dell'uomo europeo alla vigilia del declino della supremazia europea a livello globale e dell'avvento di grandi tragedie come due guerre mondiali e il nazifascismo che decretarono il via libera alla supremazia americana, alla nascita della Nato e al prevalere del mondo occidentale nel pianeta.

Nessun capolavoro umano nasce a caso, non fa eccezione neppure il nostro Fernando Pessoa. Ma possiamo notare un scambio equo nel rapporto tra maestro Pessoa e allievo Tabucchi che mai si conobbero per ragioni anagrafiche, nonché per morte precoce. Pessoa, come abbiamo già visto, morì per crisi epatica a 47 anni nel 1935, e Tabucchi, nacque otto anni dopo; essi non sarebbero oggi tali senza l'alter ego. Il poeta portoghese deve molto, moltissimo, all'autore italiano per la cura e la revisione di parti consistenti dei suoi scritti perché è diventato, a volte nascosto e a volte evidente, protagonista di alcuni romanzi e racconti lunghi di Antonio Tabucchi, in un rapporto misterioso fatto di fughe, ritrovamenti e perdite che sembrano definitive. Il pisano deve

[28] Ivi, min.14:25 ss.

altrettanto all'imperscrutabile Virgilio portoghese che sa portarlo nei meandri inesplorati dell'animo umano.

Tabucchi fece di tutto per soddisfare il desiderio di conoscenza del suo profeta in un inseguimento nei cinque continenti, tra le tante inventò un romanzo esoterico e scuro come *Notturno indiano* per prolungare l'esistenza del suo mentore disperso in India e anche stavolta mai nominato, se non come ricerca dell'amico scomparso.

Un rapporto così speciale, intrecciato, particolare e complesso, che a volte sembra sfiorare anche aspetti omosessuali, seguendo un ordine disegnato da Freud, non può fare a meno del piacere che nasce dalla buona letteratura. Tabucchi ha fatto di tutto, anche dopo la morte, per suscitare l'amore e l'ammirazione del suo Vate nei suoi confronti.: lo interrogò con costanza, lo rese protagonista dei suoi romanzi, prolungandone la sua esistenza precocemente interrotta, ne curò la sua presenza postuma nel mondo, sposò la sua traduttrice, Maria Josè de Lancastre, nobildonna lisbonese che insegnava letteratura portoghese a Pisa: senza i coniugi e collaboratori letterati, Pessoa non sarebbe mai stato tradotto e diffuso in italiano così tanto.

Per non separare del tutto la vita dall'arte, Maria Josè de Lancastre e Antonio Tabucchi presero casa nei pressi della Baixa, il *bairro* frequentato da Pessoa alle pendici di uno dei sette colli della capitale portoghese, tanti quanti quelli di Roma; abitavano in Rua Dos Douradores, mentre in seguito alloggiarono per alcuni anni in un palazzo storico di una via in discesa verso il Tejo, il celebre fiume che costeggia la città bassa sino alla grandiosa Praça do Commercio, da dove salpavano i velieri per il lontano Oriente. Il palazzo era Palacio Belmonte, dimora nobiliare del Seicento con i muri pieni di *azulejos*, dove Tabucchi alloggiò più volte e, durante le riprese di *Sostiene Pereira*, abitò il grande attore protagonista Marcello Mastroianni. Inoltre, sulla terrazza di quel palazzo, Wim Wenders concepì il set che immortalò il concerto dei Madredeus nel film *Lisbon Story*.

3.3 Maestri, padri e la maturità come riconciliazione

Antonio Tabucchi morì a Lisbona nel 2012 a 68 anni; era malato di cancro. Ai funerali, dopo una camera ardente al Municipio della capitale, partecipò il presidente della Repubblica, Anibal Cavaco Silva che disse: «È stato un grande amico del Portogallo»[29].

---

[29] BREDA, Maurizio «*I funerali di Antonio Tabucchi a Lisbona»,* Rivista La Voce del Serchio, 30 marzo 2012, p. 2.

Le sue ceneri vennero trasferite, per sua volontà, nel viale degli scrittori al monumentale Cemiterio dos Praceres. Tutti i giornali scrissero che sarebbe stato trasferito accanto al suo maestro Fernando Pessoa; ma non fu così: i resti del poeta portoghese erano stati da tempo trasferiti al monumentale Monastero de Jeronimo, il Pantheon portoghese di fronte al Tejo e alla gotica Torre di Belém sul fiume, dove Cristoforo Colombo fece sosta prima di raggiungere la Spagna e di ritorno dalla prima spedizione nelle Americhe.

A proposito del rapporto figlio-padre o discepolo-maestro, estrapoliamo una frase dello psicoterapeuta influenzato dalla psicoanalisi francese Nicolò Terminio, in un'intervista al quotidiano *Il Foglio* del 24 settembre 2019:

> Direi quindi che l'analista non è come un padre o come un maestro, svolge però una funzione essenziale per riconfigurare il proprio rapporto con il padre e i maestri. Grazie a un'esperienza di analisi si comprende sulla propria pelle che il padre o il maestro vanno oltrepassati e, al contempo, raggiunti.[30]

Continua quindi all'infinito l'inseguimento tra il maestro e l'allievo, tra scoperte e misteri, una sorta di gioco a nascondino tra negazione e manifestazione. Ma arriva un momento in cui chi insegue getta l'ancora e ormeggia con decisione, come se avesse trovato, almeno per ora, un posto in cui fermarsi. Secondo Terminio, quindi, il padre e il maestro non sono figure prettamente da imitare, ma presenze da attraversare e anche da interiorizzare. È forse qui che osserviamo una maturità consapevole: non nella rottura definitiva, ma in una forma di tranquillità, di riconciliazione possibile con sé e con le figure che ci hanno accompagnato e quindi, di conseguenza, segnato. Scrive Tabucchi nella prefazione dell'edizione italiana a cura di Feltrinelli de *Il libro dell'Inquietudine*, a proposito del suo autore maestro:

> Con questo personaggio di modesta appartenenza sociale e di anima vasta, la città di Lisbona entra prepotentemente nella letteratura del nostro secolo. Vi entra con lo statuto speciale delle città simbolo, come la Praga di Kafka, la Dublino di Joyce e la Buenos Aires di Borges. Si tratta di una città portatrice di mistero, perché nella sua geometria il suo narratore ha posto il mistero dell'esistenza. E con Lisbona entra nella letteratura anche una strada, Rua dos Douradores […] E con Lisbona, la via e l'ufficio entra in letteratura anche una bottega di barbiere, un bugigattolo male illuminato dove sta seduto Bernardo Soares con un asciugamano infilato nel colletto. Ha sul viso un'espressione indecifrabile e guarda la porta del retrobottega. Perché

[30] D'ALESSANDRO, Davide «*Nicolò Terminio, Il genio di Lacan*», Quotidiano *Il Foglio*, 24 settembre 2019, p. 3.

> quella vecchia porta, da dove ci aspetteremmo di vedere entrare il barbiere, si affaccia direttamente sull'Universo.[31]

Ci si rende conto che la solitudine di Fernando Pessoa non sia convenzionale, bensì diventa una solitudine affollata, piena di personaggi che viaggiano nella sua testa, nella sua mente. È una solitudine che si trasforma in un motore letterario. Per queste ragioni, Pessoa è considerato un simbolo della sensibilità del Portogallo come nazione, il quale è stato umiliato, reso debole perché escluso dalle altre nazioni europee, soprattutto dalla Spagna, da cui si è sentito schiacciato; ma anche ferito e scosso dalla dittatura più lunga d'Europa.

[31] Fernando Pessoa, *Il libro dell'inquietudine*, Milano, Feltrinelli, 1989, p. 12.

CONCLUSIONE

Como pudemos ver, em todos ou quase todos os seus livros, Antonio Tabucchi faz o seu amigo, Vate, alter ego Fernando Pessoa, caminhar ao seu lado, agir, falar abertamente, numa perseguição, numa projeção de tipo freudiano que quase nunca parece patológica, quase nunca de imitação; demonstra, antes, uma apropriação ativa de aspetos do outro, influenciada pela sua própria experiência e pelas suas necessidades.

Por outro lado, o seu mestre Fernando Pessoa parece ter encontrado em Tabucchi não só um intérprete meticuloso, um estudioso competente, um leitor atento, mas um herdeiro espiritual. É graças ao poeta pisano que Pessoa continuou a viver, a atravessar as fronteiras da língua, a falar a novos leitores mesmo décadas depois, apesar de nunca se terem encontrado fisicamente.

Quando conheci, durante as aulas de literatura portuguesa, no primeiro ano da universidade, o misterioso e majestoso Fernando Pessoa, fiquei imediatamente fascinada. Estou convencida, porém, de que a maioria dos seus leitores pensou inicialmente que ele era um desequilibrado; mas, após três anos de leituras, reflexões e estudos, cheguei à conclusão de que o grande Pessoa, ao criar os seus heterónimos, fez algo extraordinário e, acima de tudo, profundamente humano: deu forma às suas contradições, às suas vozes interiores, aos seus pensamentos mais remotos. Com os seus heterónimos, ele conversava, apresentava-os às revistas mais importantes da época e contribuía para torná-los um caso literário. Mas é bom perguntar: não teria sido mais simples publicar apenas em seu nome? Não teria sido mais fácil perseguir a fama, que certamente o autor não desprezava, concentrando todos os esforços na construção da sua personagem e não de todas as outras? Os quais, paradoxalmente, também poderiam ter-lhe roubado um público convencido de que estava realmente perante escritores de carne e osso. A resposta para mim é que Pessoa precisava de viver, como todos nós, aliás, mas este viver era-lhe extremamente difícil, quase como se fosse o único a não ter recebido, ao nascer, as instruções de utilização.

Os heterónimos são, no fundo, um ato de desabafo, mas sobretudo de solidão, porque habitar tantas identidades durante tanto tempo significa nunca ter um lar estável

para onde voltar. E talvez seja precisamente aqui que colocamos Pessoa, neste intervalo de espaço entre o desamparo e a busca de si mesmo, entre a multiplicidade e o nada, entre a própria identidade e os outros.

Cada um segue o seu caminho. Cada um chega onde quer. Pessoa ofereceu uma alternativa para a sua dor, uma opção para quem tem dificuldade em escolher e vive num estado perpétuo de desorientação. Em vez de escolher quem ser, preferiu multiplicar-se. Uma solução pouco nobre, poder-se-ia pensar? Não, uma solução que se adapta muito bem a este tempo de homens e não de heróis. Vivemos de sensações e aspirações. Eis, em poucas palavras, o que são os heterónimos.

Ao longo desta tese, procurei explorar ao máximo a interligação entre Tabucchi e Pessoa, através das suas ideias sobre a passagem da vida para a morte; através das suas identidades multifacetadas que se refletem nos livros e através da profunda solidão que se transformou no motor da sua literatura. Dois autores que, apesar de pertencerem a duas épocas diferentes, conversaram, perseguiram-se e, por vezes, uniram-se e misturaram-se.

A escolha de compará-las surgiu da curiosidade em compreender como duas personalidades semelhantes, mas ao mesmo tempo tão diferentes, uma portuguesa e uma italiana, uma modernista e outra enraizada no segundo quartel do século XX, podiam na realidade quase completar-se, enfrentando as suas dúvidas existenciais, cada uma com os seus meios, com a sua linguagem e com as suas máscaras.

Durante a análise dos dois autores, ficou evidente a sua sensibilidade comum em relação à ausência de respostas definitivas, embora em direções diferentes. Tabucchi e Pessoa não procuram encontrar uma solução para o enigma da identidade, para o mistério da morte, nem tentam fugir da solidão; em vez disso, transformam tudo isso em narrativa e poesia, mergulham nisso com todo o seu ser, transformando a inquietação em arte. A ligação entre Pessoa e Tabucchi não é apenas constituída por admiração e influência literária, mas é também um diálogo entre almas afins, unidas pela mesma inquietação e pela mesma nostalgia de sentido.

Ao escrever esta tese, acredito ter entrado nesse diálogo e ter feito parte dele, perguntando-me, juntamente com eles, o que é realmente o eu e, acima de tudo, se um eu único e coerente realmente existe; perguntando-me como se pode conviver toda a vida com a ideia da morte e como se pode sair do ciclo da solidão. Não encontrei respostas definitivas e acho que esse não era o meu objetivo, mas, em Antonio Tabucchi e Fernando

Pessoa, encontrei palavras e pensamentos capazes de se aproximar daquilo que muitas vezes não sabemos expressar, para responder às perguntas que vivem, viveram e viverão dentro de nós, mas não encontram voz.

BIBLIOGRAFIA

BREDA, Maurizio «I funerali di Antonio Tabucchi a Lisbona*», Rivista La Voce del Serchio*, 30 marzo 2012, p.2.

CARLI Alessandro, «Fernando Pessoa non riuscì mai a essere davvero sicuro di chi fosse… Elogio del poeta imprendibile» *Pangea*, 7 giugno 2020, p.1.

D'ALESSANDRO, Davide «*Nicolò Terminio, Il genio di Lacan»*, Quotidiano *Il Foglio*, 24 settembre 2019, p.3.

FIGINI Alice, «*La morte è la curva della strada: la poesia trascendente di Fernando Pessoa»,* Rivista Online *SoloLibri.net*. Novembre 2022.

PERNA, Maria Francesca. "Pessoa: anticipare la follia del web e non voler essere nessuno." *Ultima Voce*, 9 novembre 2020, p.3.

PERRONE, Stefania. *Disturbo di personalità multipla attraverso gli occhi di Fernando Pessoa,* podcast *Dharma e Psicologia*, Novembre 2023.

Pessoa, Fernando. *Il libro* dell'inquietudine, a cura di Maria José de Lancastre e Antonio Tabucchi, Feltrinelli, Milano, 1991.

PESSOA, Fernando, *«Lettera a Adolfo Casais Monteiro, 13 gennaio 1935*», Biblioteca digitale *Arquivo Pessoa.*

Pessoa, Fernando. Poesie di Álvaro de Campos, a cura di Maria José de Lancastre, trad. di Antonio Tabucchi, Milano, Feltrinelli, 1993.

QUERINI, Maria Vittoria, «Pessoa, una vita plurale», Rivista Online *Parchi Letterari*, II (2021).

Saramago, José, *O Ano da Morte Ricardo Reis*, trad. di R. Desti, Milano, Feltrinelli, 2002.

Tabucchi, Antonio. *Il gioco del rovescio e altri racconti*. Milano: Feltrinelli, 1981.

Tabucchi, Antonio. *Il poeta è un fingitore*, Feltrinelli, Milano 1984.

Tabucchi, Antonio. *Un baule pieno di gente. Scritti su Fernando Pessoa.* Milano : Feltrinelli, 1991.

Tabucchi, Antonio. *Requiem. Una allucinazione*. Milano: Feltrinelli, 1992.

Tabucchi, Antonio. *Sogni di sogni*. Milano: Feltrinelli, 1992.

Tabucchi, Antonio. *Sostiene Pereira*, Milano : Feltrinelli, 1994.

Tabucchi, Antonio. *Gli ultimi giorni di Fernando Pessoa*. Milano: Feltrinelli, 1998.